

A fala do outro: alteridade e dominação nas Américas do século XV ao XVIII

Ana Caroline Nogueira Moreira Rodrigues
Caio Corrêa
Caroline Maria Clara Flores
Jean Michel Leandro Madeira
Laila Ribeiro Silva
Priscila Marília Alves Martins*

RESUMO

O presente artigo visa analisar os livros **A Conquista da América**, de Tzvetan Todorov, e os capítulos 4, 5, 6 e 7 do livro **A Colonização do Imaginário**, de Serge Gruzinski, a partir de três documentos elaborados por representantes do poder real em terras americanas depois de Colombo. Propomos um estudo comparativo e discursivo nas falas de Cristovão Colombo, Thevet e Vieira. O objetivo deste texto é estabelecer uma análise das práticas discursivas do mundo colonial, baseada no jogo autônomo de discurso sem sujeito, como apontou Foucault em quase toda sua produção historiográfica.

Palavras-chave: Conquista da América; Método historiográfico; Literatura; História como texto literário.

Os documentos apresentados para a análise neste artigo ou são fragmentos de diário, que é o caso do “Documento 9” (ver página 8) , de Cristóvão Colombo, fragmentos de texto que diz respeito ao “Documento 11” de André Thevet (ver página 8) ou um sermão, do “Documento 34” do Padre Antônio Vieira (ver página 9).

O “Documento 9”, retirado dos **Diários da primeira viagem à América**, é um fragmento do diário escrito por Cristóvão Colombo, no ano de 1493, para relatar ao rei espanhol sobre as viagens marítimas e sobre suas “descobertas”. O pensamento dos navegadores europeus em busca de descobertas de tesouros em terras do além-mar já tinha um germe de resistência natural ao exótico. Estes homens se encantaram com a retomada dos ideais humanistas e imaginavam-se como heróis, levando a civilização e o cristianismo ao mundo exótico de aventuras que haviam de encontrar, e mesclavam estes pensamentos aos ideais do racionalismo, sem deixar de lado os sentimentos que os ligavam a fantasia e a magia. Assim, travavam esta batalha de ideais entre superstição e fé contra os preceitos do empirismo racional, determinando uma característica dicotômica e específica do início da Idade Moderna. De um lado estava Colombo, que

* Graduandos em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

absorveu leituras e tradições culturais a cerca do Paraíso, do Apocalipse, de seres imaginários, de um sem número de simbolismos místicos, ao que aparentava, também, possuir uma formação cristã-messiânica, exemplo disso pode estar na carta provavelmente escrita no ano de 1501, destinada aos Reis Católicos, onde o navegador afirmava:

Eu já disse que para a execução do empreendimento das índias de nada me serviam razões matemáticas ou mapas-múndi. O que integralmente se realizou foi o que Isaías havia anunciado. E é o que eu desejo deixar aqui escrito para avivar as vossas memórias e para que rejubilem com o que lhes direi sobre Jerusalém [...] e sobre o empreendimento, cujo êxito, se tiverem fé, podem tomar por certo. (COLOMBO, 1501, p. 30).

E, ao aportar nas terras da América, essa fantasia utópica do reencontro do paraíso terrestre, trazida por Colombo e pelos espanhóis, tornava-se realidade para eles, não exatamente como na Bíblia, mas com características bem semelhantes daquilo que se pronunciava: clima temperado em natureza abundante e bela, rica em fauna e flora exóticas, com rios de água doce e uma riqueza mineral em profusão como era esperado. A América era, portanto, para o colonizador ibérico, uma verdadeira materialização do Paraíso. E, do outro lado estão os povos ameríndios, com suas próprias características sociais e religiosas, seus presságios que culminaram com a aproximação do final de um ciclo de 52 anos do calendário asteca, que transferiu a imagem da chegada dos navios espanhóis à simbologia do retorno de Quetzacoatl ou Kukulkán – o primeiro nome para os astecas e o segundo nome para a versão dos maias, designado a um dos deuses mais propagados e famosos entre os povos ameríndios – para recuperar seu reino tomado, mesmo que entre alguns desses ameríndios, houvesse quem resistisse à essa profecia. Sem dúvida, o impacto dessas culturas foi culminante, ainda mais por envolver vários mitos e pensamentos de ordem religiosa e social diferentes.

O “Documento 11”, fragmento retirado do livro **As Singularidades de França Antártica**, publicado em 1557, por André Thevet, um francês nascido em Angoulême, no ano de 1502 que entrou ainda jovem na ordem dos franciscanos. É portanto, também uma fonte primária para esta análise que trata de um relato de viajante (a partir do olhar do próprio autor). Portanto, é um documento contemporâneo ao seu autor e aos fatos por ele relatados. Em 1555, os franceses sob o comando de Nicolas Durand, de Villegagnon vieram ao Brasil na tentativa de estabelecerem por aqui uma colônia, denominada França Antártica, e alguns fatos estavam ocorrendo na época, entre eles as

grandes navegações e conseqüentemente a “descoberta” e exploração do “Novo Mundo”. No documento há o relato sobre a população que vive na região do Cabo da Boa Esperança. Mas ao invés dele caracterizar os índios que ele encontra, ele irá dizer o que eles não são, fazendo uma crítica a autores que sem utilizar da alteridade, adjetivam os índios como se fossem bestas ou animais mitológicos, fugindo, como o próprio autor diz, às normas e padrões da natureza, sem confirmar essas características, ou seja, estavam apenas no imaginário de alguns autores que narravam sobre a população indígena.

O “Documento 34”, extraído dos **Sermões do Rosário**: Sermão décimo quarto, foi escrito pelo Padre Antônio Vieira, que nasceu em 6 de fevereiro de 1608, e partiu muito novo para o Brasil, acompanhado de seus pais, Cristóvão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo. Começou a estudar no Colégio da Companhia de Jesus e foi considerado por muitos, o maior orador sagrado do século XVII. O Sermão décimo quarto do Rosário foi pregado à irmandade de negros em um engenho baiano no ano de 1633, sermão este, que visava aliviar e confortar os escravos por seus sofrimentos, convencendo-os de que a condição de cativo era uma provação semelhante à Paixão de Cristo, e que durante os sofrimentos de sua vida atormentada eles seriam assistidos, como o Salvador, pela Virgem Maria. No **Sermão vigésimo do Rosário**, o pregador lamenta a divisão das irmandades entre brancos e negros, afirmando – com base no texto da Escritura e no conhecimento filosófico clássico – que a condição, a cor e a fortuna da raça africana eram muito apreciadas pela Virgem, por Jesus e pelos santos da Igreja. É por isso que, segundo Vieira, os negros deveriam se conformar com seu cativo, comparável ao dos judeus no Egito, pois a humildade de sua condição lhes conferiria uma nobreza de espírito que não tardaria em ser recompensada. Padre Antonio Vieira acredita ter dois tipos de escravização, e que ambas podem ser justificadas através da religião e que somente por esta via que vão encontrar a salvação, quando diz:

Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais perecido à cruz e à paixão de Cristo, que o vosso em um destes engenhos [...] Bem aventurados vós se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança aproveitar e santificar o trabalho! (VIEIRA, 1633, p. 29).

Para tanto, este artigo propõe analisar estes três documentos que são de suma importância para compreender como se deu o processo de "colonização" da América, o

aparato bélico-religioso utilizado pelos espanhóis para legitimar tal empreitada e as tentativas de resistência por parte de alguns dos ameríndios. Cada documento dentro de suas características e especificidade consegue abordar e explicar alguns dos elementos acima citados.

Todorov e Grunzinski: quando a História encontra a literatura

Este trabalho tem como referencial teórico as teses enunciadas por Tzvetan Todorov, em seu livro **A conquista da América**: a questão do outro, e Serge Gruzinski em seu livro **A colonização do imaginário**: sociedades indígenas e ocidentalização do México espanhol. Cada autor toma uma posição teórica diferente para tratar da temática da colonização da América.

Todorov tem como objetivo, em seu livro **A conquista da América**, apontar a questão da alteridade. O meio encontrado pelo autor foi contar a história da descoberta da América, ao mesmo tempo em que fazia reflexão sobre os signos, a interpretação e a comunicação. Porém, esta pesquisa possui mais valor literário do que historiográfico, pois, apesar de o autor se utilizar de fontes históricas, o que ele pretende é recontar a história da descoberta para fazer sua reflexão sobre a questão da alteridade, e não fazer uma análise histórica dos acontecimentos contextualizando os fatos, e discutindo o sentido da colonização.

Para a construção de sua teoria, Todorov utiliza os principais “protagonistas” desta “descoberta”, como Colombo, Las Casas, Cortez, Montezuma, Sepúlveda, entre outros.

Este livro será uma tentativa de entender o que aconteceu neste dia, e durante o século seguinte, através da leitura de alguns textos cujos autores serão minhas personagens. Eles monologarão, como Colombo, dialogarão através de atos, como Cortez e Montezuma, ou através de enunciados eruditos, como Las Casas e Sepúlveda. (TODOROV, 2003, p. 7).

E para compreendermos como essa interpretação foi feita por Todorov, utilizaremos da seguinte definição de discurso:

Discurso é a prática da linguagem, uma narrativa construída a partir de condições históricas e sociais específica, todo discurso materializará determinada ideologia na fala a partir de um idioma específico, cada discurso é assim uma representação do imaginário no qual o autor esta inserido [...]. Não é ler um texto analisando seu conteúdo, mas saber como ele diz, ou seja, analisar os elementos linguísticos, históricos e sociais, fazendo sentido em conjunto. (SILVA, 2005, p. 101).

Com isso, podemos perceber, na análise de Todorov, certa tendência em associar análise literária com análise do discurso, avaliando os elementos linguísticos e históricos sociais, procurando sentido ao discurso dos visitantes que aqui chegaram.

Já Grunzinski irá tratar do problema da dominação do México a partir daquilo que ficou velado, o que ocorreu com a forma de ver o mundo dos nativos da América após a chegada do europeu. Para isso, ele relaciona elementos que apontam para essas transformações: a cristianização do México e as transformações nas formas de linguagem nativa. Que tipos de linguagens são essas as quais se referiam Grunzinski? São as pictografias, linguagens visuais.

Frequentemente, o papel crucial que a imagem desempenhou na conquista da América e, em particular, do México, é negligenciado. Sem incorrer em anacronismos e falar em “guerra de imagens”, há que se reconhecer que o Ocidente utilizou nesse período a maioria dos recursos visuais de que se dispunha no século XVI, com intuito de apoiar seu projeto de dominação. (GRUZINSKI, 1992, p. 198).

Com isso, podemos perceber o teor da discussão de Grunzinski, quando ele fala da ocidentalização da linguagem nativa. Para ele, a mentalidade indígena foi transmutada pelo cristianismo, houve uma transformação na “visão de mundo e na concepção de sentido”, após a inserção da linguagem europeia sobre os povos nativos. Cortez teria levado para o México a tradição de Nossa Senhora de Guadalupe, cuja origem remontava ao século VIII na Espanha, tendo substituído a deusa da Lua dos Maias, pela imagem da Virgem Maria.

Narrativa histórica e História da Arte

Tema antigo. Ainda e sempre, ódio e amor, andam juntos através da facilidade através da qual o amor que não encontra resposta apodrece e vira veneno. O que salva e o que eleva é constituído da mesma matéria que fermenta, apodrece e mata. (TÁVOLA, 2012, p. 1).

Através das linhas envolventes de Todorov e Grunzinski, captamos a essência irônica da dualidade entre amor e ódio enquanto explicitam sobre as conquistas portuguesas e espanholas no território americano.

O autor emprega uma narrativa literária neste livro. Toda a construção de seus capítulos e a forma que dá a seu texto é similar à construção de obras literárias. Apresentando as fontes, Todorov impulsiona o leitor a arguir a conquista da América, dissecando seu conceito de alteridade. Todorov reconta a história com o intuito de

examinar o conceito de alteridade. O autor vai além de se fazer e/ou contar a história: ele propõe uma intervenção.

Outro elemento a ser observado em Todorov é a nomeação do terceiro capítulo: “Amar”. Este título apresenta três figuras de linguagem - a ironia, a elipse e o Paradoxo, em que absorvemos o impacto do conteúdo do texto – que remete ao puro ódio – com o título amor. O autor realiza tal absurdo, a união de ideias contraditórias para discutir a alteridade.

Esse jogo de figuras de linguagem possibilita uma reflexão a cerca do conteúdo do capítulo, que apresenta as brutalidades e massacres produzidos pelos colonizadores aos colonizados. Todorov propõe essa reflexão atordoante:

[...] compreender leva a tomar, e tomar a destruir... A compreensão não deveria vir junto com a simpatia? E ainda, o desejo de tomar, de enriquecer à custa do outro, não deveria predispor à conservação desse outro, fonte potencial de riqueza? (TODOROV, 2010, p. 183).

Durante todo o capítulo, Todorov (2010) se fundamenta nos escritos de Las Casas, que não pretendia interromper a anexação dos índios, a proposta era apenas a de que esta anexação fosse realizada pelos padres ao invés de soldados: “Se a compreensão não for acompanhada de um reconhecimento pleno do outro sujeito, então essa compreensão corre o risco de ser utilizada com vistas à exploração, ao ‘tomar’; o saber será subordinado ao poder.” (TODOROV, 2010, p. 190).

Quando analisamos a “busca de entender o outro” do ponto de vista de Las Casas, o autor propõe três planos para compreensão: no primeiro, podemos notar a questão do julgamento de valor, em que podemos analisar as questões ligadas a dicotomia, ou seja, ou “eu gosto dele ou eu não gosto dele”, “ele é mal ou ele é bom”. A segunda relação é a aproximação ou distanciamento do eu/outro e, a terceira, é você conhecer ou ignorar o outro.

Serge Grunzinski diz que o imaginário não é exatamente algo irreal, distante do empírico, do mundo sensível. É algo que está em relação com o mundo real e com as experiências cotidianas, mas que, ao mesmo tempo, não se prende somente a elas. É uma dimensão na qual as sociedades constroem sua forma através da qual se vê o mundo e a si mesmas; é na esfera do imaginário que se existem os problemas de ordem histórica e antropológica. O imaginário é composto, de forma bastante geral, de elementos que dão sentido e valor às nossas experiências sensíveis. Toda sociedade, e

mesmo os grupos que as compõem, possuem seus imaginários. Imaginários sobre si e sobre os outros, questão indispensável no trato entre as culturas.

Seguindo **Conceitos Fundamentais da História da Arte**, de Heinrich Wöfflin, que apresenta as transformações das artes nos séculos XVI e XVII a partir de cinco pares conceituais: linear e pictórico; plano e profundidade; forma fechada e forma aberta; pluralidade e unidade; clareza e obscuridade. Os cinco pares de conceito podem ser interpretados tanto no sentido decorativo quanto no sentido imitativo. O linear é aquele tipo de arte em que os limites têm formas delineadas claramente, com linhas bem definidas, ou seja, a visão linear distingue nitidamente uma forma de outra, uma forma racional de se identificar, enquanto a visão pictórica, ao contrário, busca aquele movimento que ultrapassa as visões dos objetos, uma forma irracional. Linear e pictórica, a primeira representa as coisas como elas são; a segunda como elas parecem ser. A arte pictórica permite que os efeitos da luz sejam mais evidentes. É a oposição das referências táteis às referências visuais.

A arte se transforma mesmo quando os meios de expressão se encontram plenamente desenvolvidos. Em outras palavras: aos olhos do espírito, o conteúdo do mundo não se cristaliza em uma forma imutável. (WÖLFFLIN, 2000, p. 29).

A escrita pictográfica se encaixa também como perspectiva na história dos vencidos, que também tem uma relação entre linguagem e concepção histórica, passa por um controle cada vez mais presente dos invasores espanhóis, o que levou ao surgimento de formas híbridas e cada vez mais ocidentalizadas de linguagem. Na forma original, a “escrita” era “lida” por um indivíduo treinado para tal ofício que narrava em alto e bom som o conteúdo das histórias contidas em pinturas executadas em peles especialmente preparadas. Tal ofício será perseguido e jovens nativos serão treinados por escolas dos espanhóis a fim de que tal procedimento desaparecesse da sociedade mexicana. Por outro lado, a mentalidade indígena também será mudada lentamente graças à penetração do cristianismo, o que não é um problema somente de ordem teológica superficial, mas implica na transformação da visão de mundo, da concepção de permissão e entrevir, de temporalidade, de sentido da existência e da própria teogonia e cosmogonia.

A fonte e sua narrativa

Documento 9 – Cristóvão Colombo. Diários da primeira viagem à América. (Outubro a Dezembro de 1492).

[...] essa gente é muito simples em matéria de armas, como verão Vossas Majestades pelos sete que mandei capturar para levar à vossa presença, aprender a nossa língua, e trazê-los de volta, a menos que Vossas Majestades prefiram mantê-los em Castela ou conservá-los cativos na própria Ilha, porque bastam cinquenta homens, para subjugar todos e mandá-los fazer tudo o que quiser. [...]

Não me consta que professem alguma religião e acho que bem depressa se converteriam em cristãos, pois tem muito boa compreensão. [...]

E estes índios são dóceis e bons para receber ordens e fazê-los trabalhar, semear e tudo o mais que for preciso, e para construir povoados, e aprender a andar vestidos e a seguir nossos costumes. [...]

Documento 11 – Andre Thevet. As singularidades de França Antártica (1555).

A vasta e plana região adjacente ao Cabo [da Boa Esperança] é pouco habitada por ser muito agreste. Sua população é Barbara, selvagem e até mesmo monstruosa. Entretanto, não se deve acreditar que os homens dali sejam tão disformes quanto no-los são representados pelas descrições de determinados autores [...] Estes, por certo, deviam estar dormindo e sonhando quando tiveram o descaro de afirmar que ali haveria indivíduos com orelhas pendentes até a altura do calcanhar, ou então com apenas um olho no meio da testa – os quais chamam de *arismases* – e outros sem cabeça, e ainda outros que só teriam um pé, porém tão descomunal que podiam com ele cobrir-se do ardor do sol – a estes outros, chamam de *monomerios*, *monosceles* e *ciapodes*.

Existem ainda certos autores, entre eles até alguns modernos, que descrevem com igual descabimento, seres ainda mais estranhos, revelando uma total falta de critério, de razão e de conhecimento de causa. Não pretendo absolutamente negar a existência de monstros que fujam as normas e padrões da natureza – desde que sejam conhecidos pelos filósofos e confirmados pela experiência –, mas sim rejeitar fatos que nos são apresentados como verdadeiros, conquanto não o sejam. [...]

Documento 34 – Pe. Antonio Vieira. Sermões do rosário: sermão décimo quarto (1633).

[...] Não há trabalho, nem gênero de vida no mundo mais parecido a cruz e a paixão de Cristo, que o vosso em um destes engenhos [...] Bem aventurados vós se soubéreis conhecer a fortuna do vosso estado, e com a conformidade e imitação de tão alta e divina semelhança aproveitar e santificar o trabalho!

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado [...] porque padeceis de um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz, e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio. Só lhe faltava a cruz para a inteira e perfeita semelhança o nome de engenho; mas este mesmo lhe deu Cristo não com outro, senão com o próprio vocábulo. “Torcular” se chama o vosso engenho, ou a vossa cruz, e a de Cristo, por oca do mesmo Cristo, se chamou também “Torcular” [...] Em todas as invenções e instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu, que o vosso. A propriedade e energia esta comparação, é porque no instrumento da cruz e na oficina de toda a paixão, assim como nas outras em que se espreme o sumo dos frutos, assim foi espremido todo o sangue da humanidade sagrada [...] E se então se queixava o Senhor de padecer só [...] e de não haver nenhum dos gentios que o acompanhasse em suas penas [...] vede vós quanto estimara agora que os que ontem foram gentios, conformando-se com a vontade de Deus na sua sorte, lhe façam por imitação tão boa companhia!

Mas para que esta primeira parte da imitação dos trabalhos da cruz o seja também nos afetos – que é a segunda e principal –; assim como no meio dos seus trabalhos e tormentos se não esqueceu o Senhor de sua piedosíssima Mãe, encomendando-a ao discípulo amado, assim vos não haveis vós de esquecer da mesma Senhora, encomendando-vos muito particularmente na sua memória, e oferecendo-lhe a vossa [...] E como a natureza gerou os pretos da mesma cor da sua fortuna [...] quis

Deus que nascessem à fé debaixo do signo da sua paixão e que ela, assim como lhe havia de ser o exemplo para a paciência, lhe fosse também o alívio para o trabalho. Enfim, que de todos os mistérios da vida, morte e ressurreição de Cristo, os que pertencem por condição aos pretos, e como por herança, são os dolorosos.

Destes devem ser mais devotos, e nestes se devem mais exercitar, acompanhando a Cristo neles, como fez São João na sua cruz. Mas assim como entre todos os mistérios do rosário estes são os que mais propriamente pertencem aos pretos; assim entre todos os pretos, os que mais particularmente os devem imitar e meditar são os que servem e trabalham nos engenhos, pela semelhança e rigor do mesmo trabalho. Encarecendo o mesmo Redentor e o muito que padeceu em sua sagrada paixão, que são os mistérios dolorosos, compara as suas dores as penas do inferno [...] E que coisa há na confusão deste mundo mais semelhante ao inferno que qualquer destes vossos engenhos, e tanto mais, quanto de maior fabrica? Por isso foi tão bem recebida aquela breve e discreta definição de quem chamou a um engenho de açúcar “doce inferno”. E verdadeiramente, quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas, perpetuamente ardentes; as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma pelas duas bocas, ou ventas, por onde respiram o incêndio; os etíopes, ou ciclopes, banhados em suor tão negros como robustos que subministram a grossa e dura matéria do fogo, e os forcados com que o revolvem e atijam; as caldeiras ou lagos ferventes como os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando espumas, exalando nuvens de vapores, mais de calor que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo, sem momento de tréguas, nem de descanso; quem vir enfim toda a maquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnias e Vesúvio, que é uma semelhança de inferno. Mas, se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso; o ruído, em harmonia celestial; e os homens, posto que pretos, em anjos [...]

Os dolorosos [...] são os que vós pertencem a vós, como os gozosos aos que, devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Eles mandam, e vos servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós colheis deles é um trabalho sobre outros. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas [...] As abelhas fabricam o mel, sim; mas não

para si. E posto que os que o logram é com tão diferente fortuna da vossa; se vós porém vos souberdes aproveitar dela, e conformá-la com o exemplo e paciência de Cristo, eu vos prometo primeiramente que esses mesmos trabalhos vos sejam muito doces, como foram ao mesmo Senhor [...] e que depois – que é o que só importa – assim como agora imitando a São João, sois companheiros de Cristo nos mistérios dolorosos de sua cruz; assim o sereis nos gloriosos da sua ressurreição e ascensão. Não é promessa minha, senão de São Paulo [...] Assim como Deus vos fez herdeiros de suas penas, assim o sereis também de suas glórias; como condição porem que não só padeçais o que padeceis, senão que padeçais com o mesmo Senhor [...].

Oh como quisera e fora justo que também vossos senhores considerassem bem aquela conseqüência [...] Todos querem ir a gloria e ser glorificados com Cristo; mas não querem padecer, nem ter parte na cruz com Cristo. Não é isto o que nos ensinou a Senhora do Rosário na ordem e disposição do mesmo rosário. Depois dos mistérios gozosos, pôs os dolorosos, e depois dos dolorosos, os gloriosos. Por quê? Porque os gostos desta vida têm por conseqüência as penas, e as penas, pelo contrario, as glórias. E sés esta é a ordem que Deus guardou com seu Filho, e com sua Mãe, vejam o demais o que fará com eles. Mais inveja deve ter vossos senhores as vossas penas, do que vós aos seus gostos, a que servir com tanto trabalho. [...]

A fala dos documentos

O “Documento 9”, retirado do Diários da primeira viagem à América de Cristóvão Colombo, é um discurso do europeu dirigido a Coroa. O documento explicita a visão do europeu sobre o território da América Central, e demonstra como Colombo realmente não chegou a conhecer os índios: “Colombo descobriu a América, mas não os americanos” (TODOROV, 2010, p. 69). Assim como Todorov, percebemos que este encontro nada mais foi que um “desencontro”, pois o que temos aqui representado seria uma visão europeia sobre a nova terra que havia sido encontrada deixando de explicito a análise dos conquistadores sobre os conquistados deixando claro que não houve em momento algum a tentativa de reconhecer os povos que ali viviam, mas sim analisar as condições para que pudesse ser feita a dominação.

As descrições de Colombo sobre a América informam mais sobre ele próprio do que sobre os índios: Colombo reflete sua imagem, suas expectativas no índio. Através

do assimilacionismo, Colombo aponta sua ideia de superioridade e inferioridade sobre os índios, seu egocentrismo permeia toda a relação.

Já no “Documento nº 11”, o autor tenta desconstruir o imaginário europeu sobre os indígenas, que eram comparados com animais monstruosos, desconsiderando relatos não verídicos sobre os nativos. Os dois documentos representam o imaginário europeu diante do Novo Mundo. Para André Thevet as novas terras descobertas apresentavam singularidades e não podiam ser descritas como se cultuava o imaginário europeu antes da descoberta dessas novas terras. Porém, o olhar de Thevet ainda é um olhar de exotismo com relação as terras que aqui foram descobertas. O relato que o frei faz sobre o novo mundo é comparar constantemente a cultura encontrada com a europeia. Se para Colombo bastava os escritos de Marco Polo para se localizar diante do novo território, para Thevet, além desse conhecimento trazido pelos filósofos, necessitavam ainda as confirmações dos fatos pela experiência. Ainda neste documento, prevalece a história dos vencedores sobre os vencidos, através do olhar exótico com relação aos povos que aqui habitavam.

O “Documento 34”, retirado dos **Sermões do Rosário**: sermão décimo quarto de Padre Antônio Vieira (06/02/1608 a 18/06/1697), apresenta a visão do clérigo europeu dirigido para a população local contra a metrópole. Vieira incomodou a Igreja ao deliberar sobre a questão escravagista na América do Sul, comparando o engenho brasileiro com o inferno. Seu objeto de crítica não era a cana, a paisagem ou o ouro, e sim o escravo. Vieira fala da semelhança do escravo de engenho com Cristo crucificado “os negros são filhos do mesmo Deus que criara toda a humanidade”. Porém, este olhar “humanista” em relação aos escravos não era de certa forma um olhar sobre o sujeito com a sua própria cultura. Antônio Vieira, assim como Las Casas, enxergava o indivíduo, mas com a intenção de catequizá-lo. Para melhor compreender essa catequização, precisamos entender o intuito do sermão, sendo que a palavra sermão significa um discurso religioso pronunciado ao púlpito, discurso moralizador ou qualquer fala como o objetivo de convencer alguém de algo. (HOUAISS, 2009, p. 1734).

Considerações finais

A partir dessa rápida contextualização, podemos dizer que os documentos nº 9, nº 11 e nº 34 difundem a imagem que a Europa tinha do mundo. Os documentos, de forma geral, retratam os nativos como seres sem religião e que tinham aceitação passiva de ordens. Todorov, em seu livro **A conquista da América**, limitou-se apenas a analisar essas visões de mundo europeias a partir da análise de documentos produzidos pelos próprios conquistadores, ora esses documentos mostravam o europeu “conquistador” como nos documentos de Colombo e Cortez, que vieram aqui atrás de ouro e terras, a fim de subjugar os povos daqui aos reinos cristãos, ora esses documentos mostravam o europeu “humanista” como Las Casas, que tinha aqui uma missão civilizadora que enxergava os indígenas como indivíduos, porém queria dar-lhes uma educação europeia impondo-lhe sua religião em forma de catequese. Porém, em outra análise, Grunzinski retrata o papel crucial que a imagem desempenhou na conquista da América, expondo também o que ficou invisível nessa conquista, que seria a resistência indígena perante a conquista europeia.

Então, como sugere Grunzinski (1992, p. 198) a ocidentalização da América nada mais foi que uma guerra das imagens, onde a Igreja havia abordado as grandes civilizações ameríndias desconhecidas, sofisticadas e desconcertantes, sob o ângulo das imagens, tornando-as de forma contundente, mundo de idólatras. Para a Igreja, essas sociedades praticavam uma falsa religião, a idolatria centrada no culto às representações “falsas”, através da veneração a “imagem sem fundamentos”, inspiradas, segundo eles, pelo Diabo. Portanto, a cristianização deveria localizar, detectar e destruir sistematicamente tais ídolos e a religião deles.

The speech of the other: alterity and domination in the Americas from the fifteenth century to the eighteenth

ABSTRACT

This article aims to examine Tzvetan Todorov's **The Conquest of America**, and chapters 4, 5, 6 and 7 from Serge Gruzinski's **The Colonization of Imaginary**, using as a comparison three documents produced by Columbus, Thevet and Vieira. The aim of this paper is to establish an analysis of the discursive practices of the colonial world, based on the autonomous game of a discourse without a subject, as Foucault has pointed out in almost all of his historical production.

Keywords: Conquest of America; Historiographic method; Literature.

REFERÊNCIAS

COTTEREL, Maurice M.; GILBERT, Adrian G. **As profecias Maias: os segredos de uma civilização perdida**. Lisboa: Âncora Editora, 2005.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da primeira viagem à América**. 1492.

CROSER, Judith. **Os Astecas**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GRUZINSKI, Serge. A Cristianização do Imaginário. In: **A Colonização do imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol séculos XVI-XVIII**. Companhia das Letras, SP, 2003. p. 218-283.

GRUZINSKI, Serge. A guerra das imagens e a ocidentalização da América. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 198-207.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Sermão. In: **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1734.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Catequizar. In: **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 423.

MILLER, James. A política de Foucault numa perspectiva biográfica. In: **Revista de Comunicação e Linguagens: Foucault- Uma analítica da Experiência**. Edições Cosmo Lisboa, 1993, p. 11-20. Disponível em: <http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?coddoc=601>. Acesso em: 9 out. 2012.

MILTON, H. C. O diário de Cristóvão Colombo: discurso da maravilha americana. **Rev. Let.**, São Paulo, v. 32, p. 169-183, 1992.

PACHECO, Cláudia B.S. **História Secreta do Brasil: o millenium e o homem universal**. São Paulo: Proton, 2000.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. Discurso. In: SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. (Org.). **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

TÁVOLA, Artur da. **Amor e ódio**. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/a-amor3.html>>. Acesso em: 9 out. 2012.

THEVET, André. Singularidades da França Antártica: a que outros chamam de América. Companhia editora nacional, 1944.

TODOROV, Tzvetan. Amar. In: **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Cap. 3, p. 183-243.

VIEIRA. Pe. Antônio. **Sermões do Rosário: Sermão decimo quarto**. 1633.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.